

Resenha

O Show do Eu – A intimidade como espetáculo
(Sibilia, Paula. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 277p.)

Carolina Pessoa WANDERLEY¹

Em *O Show do Eu – A intimidade como espetáculo*, a antropóloga argentina Paula Sibilia analisa o fenômeno de visibilidade e transformação da vida privada vivenciada pela sociedade contemporânea. A obra consiste em um ensaio que faz uma retrospectiva histórica, por meio de paralelos a partir dos contextos vivenciados no século XX e situações atuais, com o objetivo de clarificar aspectos que permeiam nosso cotidiano e podem auxiliar a contextualizar tais transformações em nossas vidas.

O fenômeno de espetacularização da sociedade é enfocado a partir da introdução das novas mídias, sobretudo as digitais, no cotidiano da população. A “democratização” dos meios, ocasionada com a superação do modelo de comunicação fundado no *broadcasting*, onde havia um emissor para vários receptores, para o fenômeno da comunicação de todos para todos, inicia uma era comunicacional onde todos podem ter “voz”.

A evolução da internet, que inicialmente contou além das páginas institucionais, com o correio eletrônico, depois com os canais de bate papos ou chats, as redes de sociabilidade e os blogs, é abordada pela autora no Capítulo I. A transformação da internet, em sua concepção inicial que buscava “vender coisas”, para a atual web 2.0 que “confia nos usuários como co-desenvolvedores” (p. 14) é colocada como uma estratégia do mercado. O desejo de exaltação da própria vida e de curiosidade da vida alheia torna-se um instrumento do capital, que se utiliza da capacidade criativa da sociedade, transformando-as em mercadorias.

A apropriação pelo do mercado dos conteúdos produzidos na web é para Sibilia, uma estratégia de marketing e publicidade, que se utiliza da experiência subjetiva, ou seja, da experiência que gera identificação em outros sujeitos, a serviço de um fluxo de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. E-mail: carol@ip4.com.br

finanças globais. Neste contexto, os indivíduos são inclusive recompensados financeiramente.

Outro aspecto observado é a transformação da experiência do ator social com os outros e com o mundo através da interação proporcionada pelos meios digitais, que são colocados como “um grande laboratório” (p.27) que transforma o ser humano por meio da criação de novas subjetividades.

O conteúdo do que é produzido pelos atores sociais na internet em seus blogs, fotologs e redes de relacionamento é tema do Capítulo II, que traz uma reflexão: trata-se de vida ou obra?

O gênero narrativo presente na internet é marcado por um discurso elaborado por meio de uma linguagem simples, caracterizado pelo tom de conversas cotidianas, e é classificado por Sibilía como autobiográfico. Segundo a autora, tal gênero é marcado pelo “pacto de leitura” (p.30) que consiste na percepção do leitor de que autor, narrador e protagonista é a mesma pessoa.

Embora a internet e os meios digitais possibilitem um canal para que qualquer pessoa diga o que desejar, há no discurso presente neste canal um esgotamento da narração. A explicação para este esgotamento está na ausência experiência, decorrida do ritmo de vida de uma sociedade industrial, onde não se há mais tempo para se refletir o mundo e a própria existência. Esta sociedade é marca pela informação, que traz ao homem o conhecimento do fato pelo fato, sem a necessidade de explicações ou reflexões.

O Capítulo III enfoca o contexto da separação entre o âmbito público e privado, a partir do desenvolvimento do modo de vida urbano na Europa dos séculos XVIII e XIX. Em decorrência do desenvolvimento das cidades foi se estabelecendo um comportamento de passividade quanto aos temas públicos e uma concentração no espaço privado. A casa é relacionada à vida familiar e torna-se percebida como “território da autenticidade e da verdade” (p. 62).

Neste espaço privado que possibilitava a existência dos “quartos próprios” e consequentemente da privacidade, passa a se construir o hábito de escrita dos diários íntimos. Espaço onde o indivíduo pode vivenciar e se relacionar com seus conflitos e suas emoções. Na contemporaneidade, os textos expressos por meio da web, em um primeiro olhar, pode remeter a esta categoria narrativa. No entanto, características

relevantes diferenciam estes dois gêneros. A primeira delas está relacionada à interação com o leitor, inexistente nos tempos de outrora e indispensável nos dias de hoje. Outro aspecto a ser ressaltado é que o texto veiculado não está só no ciberespaço e forma um pequeno contexto de uma ampla rede. A publicização de tudo, tão presente na sociedade contemporânea, retrata o deslocamento do *ter*, característico da sociedade capitalista, para o *parecer*, traço da sociedade do espetáculo. Tal comportamento obedece à lógica de que de pouco servirá ter ou ser, se os outros não vêem.

A necessidade de *parecer* ou aparecer, característica da sociedade atual, é aprofundado pela autora no Capítulo IV como um movimento de mutação subjetiva. Ocorre um deslocamento do eixo de olhar para dentro de si, para os conflitos interiores, para uma perspectiva externa, um olhar para fora, que passa a se estruturar em torno do aspecto corpóreo.

A mudança na experiência de leitura do homem contemporâneo é enfocada pela autora no Capítulo V, por meio da metáfora de Roma e Pompéia, que consiste em uma investigação do psiquismo a partir do pensamento de Freud. Para o neurologista pai da psicanálise, Roma evoca a cidade eterna, com diversas camadas históricas, que ficam guardadas na memória e podem reaparecer e se tornar significativas. Pompéia evoca a preservação de uma imagem, uma lembrança, um momento único. A metáfora Roma estaria ligada ao leitor de romances, com as informações sequenciadas e contextualizadas. Já Pompéia estaria relacionada ao leitor da internet, de informações soltas, independentes.

A transformação da leitura na experiência humana desloca o eixo do contexto existencial para o aspecto do corpo. Tal mudança, associada às transformações na mídia, caracteriza o discurso do homem moderno como um discurso abreviado e voltado para a visibilidade. O que é valorizado é a personalidade de quem fala e não o que foi dito.

Esta superposição do autor sobre a obra é abordada pela autora no Capítulo VI, por meio de três justificativas para este fenômeno. A primeira está relacionada ao distanciamento do artista da concepção de artesão, que se envolve no processo produtivo, tornando esse processo mais relevante do que a obra pronta. O segundo aspecto diz respeito à valorização da novidade na esfera da arte, principalmente em função da intensidade da mídia. O terceiro e segundo a autora, o mais importante

aspecto, é a delimitação por parte da mídia, de quem é o artista e do que pode ser considerado arte. O conjunto destes três aspectos contribui para transformar o autor em celebridade e a obra de um verniz artístico.

A busca da sociedade pelo real acaba por gerar na mídia, a introdução de “efeitos do real” (p. 197), como forma de suprir esta necessidade. Dentro deste contexto, o Capítulo VII discorre sobre as fronteiras entre o real e o ficcional, que se tornam cada vez mais tênues. Segundo a autora, uma esfera contamina a outra, o que acaba por comprometer a nitidez destas esferas. Esta “contaminação” ocorre pela crescente “ficcionalização do real na mídia, bem como a gradativa naturalização do realismo na ficção” (p.196).

O Capítulo VIII traz as novas formas de expressão pela internet como meios de geração de si. Segundo a autora, a liberação proporcionada pela internet com a filosofia de que agora todos podem, gera uma liberação do emissor. Neste contexto, há uma mutação do contexto intro-dirigido, ou seja, orientado para dentro do indivíduo, para o alter-dirigido, que é orientado para fora do ser. Ainda segundo Sibilía essa alteração sai o eixo da formação do caráter, ligado aos valores internos para o contexto da personalidade, orientado aos efeitos que pode provocar nos outros. Essa alteração dos valores do caráter para a personalidade está ligada aos valores do capitalismo e seu modo de vida.

Instituí-se a figura da celebridade e o fenômeno do espetáculo como elemento importante desta sociedade. Em um contexto midiático e democratizado, sobretudo pelas mídias digitais, o espetáculo não se relaciona a um conjunto de imagens, mas na conexão ocasionada a partir da relação social entre pessoas mediadas por imagens. Nesta esfera, a internet com seus blogs e canais de interação se mostra um espaço adequado a proporcionar esta interação e conseqüentemente criar o cenário propício para o espetáculo. Nesta sociedade do espetáculo, a personalidade passa a existir e se confirmar a partir da exposição em uma tela, proporcionada muitas vezes pela web.

A fim de definir o que caracteriza o personagem e sua diferença em comparação a uma pessoa real, Sibilía recorre à crítica literária Ana Bela Almeida, que traz a solidão como aspecto de diferenciar uma pessoa real de uma personalidade. A capacidade de estarmos a sós conosco, no nosso isolamento íntimo e privado que nos diferencia das personalidades.

Já que a tecnologia nos proporcionou os meios e a sociedade nos deu atenção a partir da sua busca pelo real, a autora nos traz uma reflexão: o que temos a dizer? No Capítulo IX, último da obra, Sibilia aborda o esvaziamento de conteúdo vivenciado na maior parte dos escritos da internet. Segundo a autora, a morte do narrador e a urgência da informação geraram ao longo das transformações vivenciadas pela sociedade, um esvaziamento de conteúdo, uma ausência do discurso. Outros aspectos mencionados são deslocamento do eixo das subjetividades modernas, assim como o aumento no número de emissores.

A autora destaca ainda a dicotomia existente entre a visibilidade proporcionada pelas novas mídias na sociedade do espetáculo e a solidão vivenciada pelos elementos desta mesma sociedade. Para Sibilia, o problema da solidão talvez esteja no cerne do desejo da autoconstrução desenhada em personagens midiáticos.

O que significa esse fenômeno de exaltação repentina do banal, da própria vida e da vida alheia que ocorre hoje na sociedade? Como a interação com os outros e com o mundo muda as nossas experiências? Qual a influência do mercado nestas transformações? Será que temos realmente algo a dizer? O Show do Eu responde a todas estas perguntas e caracteriza-se como uma obra relevante que trata não apenas dos fenômenos midiáticos vivenciados atualmente pela nossa sociedade, mas, sobretudo da evolução histórica e social que resultou nestas transformações.

A autora traz uma análise importante da relação da humanidade com a comunicação, que nos possibilita entender alguns dos fenômenos vivenciados na atualidade. As transformações ocorridas na sociedade pré-industrial, à formação das cidades e a introdução do modo de vida urbano, são aspectos históricos importantes para que possamos entender os comportamentos contemporâneos e principalmente quais aspectos evolutivos geraram estes comportamentos. A presença de autores clássicos e celebridades contemporâneas auxiliam na construção da narrativa destas modificações, como forma de ilustrar e representar suas relações.